

# “Somos uma igreja como qualquer outra”: modelo de santidade e dissidências sexuais e de gênero em uma igreja inclusiva de Salvador

Lucas Vinicius Oliveira dos Santos<sup>1</sup>

*Recebido em maio de 2019*

*Aceito em outubro de 2019*

## RESUMO

Neste artigo, trago através do relato de uma experiência etnográfica uma análise sobre modelos de santidade em uma igreja inclusiva de Salvador. Para isso, primeiramente traço qual o lugar das igrejas inclusivas dentro do campo religioso para depois, através da etnografia mostrar como a questão da santidade aparece nos discursos de líderes religiosos dessas igrejas.

**Palavras-chave:** igrejas inclusivas; santidade; dissidências sexuais e de gênero.

## ABSTRACT

In this article, I conduct a narrative through an ethnographic understanding, a role analysis of the model of holiness in an inclusive church in Salvador. For this, I first trace what is the position of inclusive churches within the religious field and then, conclude through ethnography, showing how the issue of holiness arises in the religious leaders speeches of these churches.

**Keywords:** inclusive churches; holiness; sexual and gender dissens.

O poder religioso cristão e as dissidências sexuais e de gênero, pelo menos à primeira vista, aparecem como polos absolutamente inconciliáveis de uma disputa. De um lado assume-se existir uma forma de exercício do poder que opera na regulação dos corpos no sentido de produzir e reiterar uma norma historicamente estabelecida sobre o sexo e o gênero, e do outro, modos de existir que desafiam essas interdições e atuam em resistência contra esse poder.

Nesse artigo, proponho a análise de uma experiência em que essa dicotomia não é suficiente para compreender os modos como se articulam esses dois polos. Trata-se das igrejas inclusivas, igrejas evangélicas em que ser LGBT não

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Possui licenciatura em Ciências Sociais pela mesma universidade. Tem se dedicado aos estudos da religião, gênero e dissidências sexuais desenvolvendo pesquisa sobre as Igrejas Inclusivas com a orientação da Prof. Dra. Miriam Rabelo do Núcleo de Estudos em Ciências Sociais e Saúde (ECSAS). Contato: l.vinicius12@gmail.com.

é um interdito para o exercício da vida religiosa. Ao contrário, uma sexualidade ou identidade de gênero dissidentes são percebidas como uma criação divina tão legítima como a cisgeneridade e a heterossexualidade.

Nas próximas sessões farei então uma síntese da relação entre Igreja, sexualidade e gênero pensando nos modos como o poder religioso cristão participa na constituição de uma norma rígida sobre os corpos e seus impactos na vida de sujeitos dissidentes. Localizarei também historicamente as igrejas inclusivas desde seu surgimento nos Estados Unidos até a chegada no Brasil, compreendendo-a como o resultado de um propósito não gerado pelo poder religioso cristão. E finalizarei com o caso particular da Igreja Cristã Contemporânea em Salvador através de materiais etnográficos, analisando a forma como se entrecruzam a experiência dos fiéis dessa igreja e as exigências heteronormativas da tradição cristã.

### **Igreja, gênero e sexualidade**

É fato que em termos históricos o cristianismo cumpriu papel central de, através de técnicas variadas estabelecer os limites entre o lícito e o ilícito das práticas sexuais e as normas de gênero. Pelo menos até o final do século XVIII os principais códigos de regulação do sexo centravam-se na Igreja Católica através do direito canônico, da pastoral cristã e da lei civil (FOUCAULT, 1999). Esses códigos operavam pela realização do que era considerado a aliança legítima. Ou seja, a união matrimonial entre o homem e a mulher tendo como fim a procriação. Preenchia-se então o sexo dos cônjuges com regras e recomendações e regulava-se os desvios em relação à genitalidade e ao desejo.

Estava então sob a vigilância da Igreja os limites do dever conjugal, suas exigências, sua fecundidade, sua frequência, suas proibições e a própria capacidade de desempenhá-lo, organizado em um conjunto rígido de prescrições. Romper com as leis do casamento ou entregar-se a prazeres “estranhos” sucumbiam os fiéis a condenação espiritual e/ou física.

O período da contrarreforma recrudescer esse quadro ao em um duplo movimento tanto colocar a carne como a origem de todos os pecados quanto a estender o próprio sentido do pecado do ato em si para o desejo. Atribuiu-se então cada vez mais valor ao que era entendido como insinuações da carne. E assim o jogo dos prazeres, sensações, pensamentos, desejos e imaginações deveriam passar a incorporar a confissão<sup>2</sup>. Constituíam-se assim cada vez mais um saber sobre as diferenças sexuais e circunscrevia-se o sexo nos limites da monogamia heterossexual.

A Igreja participava dessa forma de um quadro regulatório que sustentava uma noção compulsória, essencialista, binária e assimétrica sobre a diferença sexual. Nesse esquema sexo, gênero e desejo obedecem a uma coerência supostamente natural que produziria invariavelmente homens e mulheres heterossexuais em uma relação assimétrica de poder.

O próprio pecado era genericado, como investigou a medievalista Cristina Segura Graiño. Ao invés de uma “queda universal”, a Igreja Cristã Medieval atribuía assimetricamente um conjunto de pecados a homens e mulheres. Enquanto os pecados dos homens estavam ligados ao espaço público os pecados das mulheres eram associados ao espaço doméstico e cotidiano como os excessos da fala, a preguiça, não cuidar do marido e filhos, desobedecer aos pais ou ao marido, prostituição e luxúria.

Com as devidas especificidades e reelaborações históricas corpo e desejo figurarão de forma bastante marcada o quadro regulatório do poder religioso. Dada a hegemonia da Igreja Católica e das Igrejas Protestantes pode-se dizer que a moral cristã determina em grande parte as noções Ocidentais das possibilidades e limites da sexualidade. Seja no controle da aliança conjugal, com a determinação do sexo depois do casamento, o dever da procriação e da fidelidade. Até o controle sobre corpo e o desejo, onde se localizaria de forma mais evidente a interdição da homossexualidade e da transexualidade, por exemplo. Tais controles possuem efeitos tanto na constituição dos sujeitos e da sociabilidade, no sentido do

---

<sup>2</sup> Segundo Foucault (1999), através da confissão a pastoral cristã pretendia produzir efeitos específicos sobre o desejo. Ao colocá-lo integral e aplicadamente em discurso era possível gerar efeitos de domínio e reconversão espiritual.

reconhecimento positivo ou negativo de si e do outro; quanto na esfera pública, relativo à garantia ou não de direitos e cidadania.

No Brasil, uma pesquisa sobre o segmento evangélico realizada pelo Instituto Superior dos Estudos da Religião (ISER) na década de 90 lança luz sobre o debate da diversidade sexual e o cristianismo ao incluir uma questão de múltipla escolha em que os fiéis deveriam responder por quais motivos morais uma pessoa deveria ser punida ou afastada das atividades na igreja. Os resultados indicaram um índice de 53% de rejeição à homossexualidade, seguido de 52% do adultério (FERNANDES ET AL., 1998). Outro estudo feito por Machado (1996) abrangendo pentecostais e católicos carismáticos no Rio de Janeiro também identificou a rejeição de homossexuais por esses grupos religiosos. Já Carranza, no início dos anos 2000, observou que 71% dos católicos se posicionaram contra o tema da união homoafetiva.

Uma pesquisa do IBOPE<sup>3</sup> realizada em 2011 por ocasião do debate sobre a união estável homoafetiva no Supremo Tribunal Federal, revelou que 77% dos evangélicos e 50% dos católicos eram contrários a aprovação da união entre homossexuais. No tema da adoção de crianças por casais homoafetivos 72% dos evangélicos e 51% dos católicos se posicionaram contrariamente. Outra pesquisa<sup>4</sup> do mesmo instituto, dessa vez abrangendo apenas a cidade de São Paulo apontou que 60% dos evangélicos e 42% dos católicos são contra pessoas do mesmo sexo demonstrarem afeto, como beijos e abraços, em locais públicos. Essas pesquisas demonstram uma forte rejeição desses grupos a diversidade sexual e as pautas mais caras ao movimento LGBT.

O trabalho de Natividade e Oliveira intitulado “As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil” traça um panorama significativo sobre como os grupos evangélicos elaboram noções sobre a diversidade e como reagem ao movimento de cidadania LGBT mais intenso nos últimos anos. O estudo demonstra que os valores e concepções religiosas

---

<sup>3</sup> IBOPE. **União Estável entre homossexuais.** Disponível em <<http://www.ibopeinteligencia.com/>>. Acesso em: 23 de setembro de 2018.

<sup>4</sup> IBOPE. **Viver em São Paulo: diversidade.** Disponível em <<http://www.ibopeinteligencia.com/>>. Acesso em: 23 de setembro de 2018.

propagados por diversas igrejas têm reforçado o estigma sobre a população LGBT, gerando conflitos internos no sujeito dissidente chegando a no limite estimular intenções suicidas. Além de representar grandes barreiras na esfera pública, no que se refere ao avanço de pautas sobre a cidadania LGBT.

Por ocasião da tramitação da PL 122/2006 no Senado que propunha criminalizar a homofobia, uma série de discursos religiosos sobre a sexualidade foi mobilizada. O mapeamento realizado pelos autores em sites institucionais de diversas igrejas, ministérios interdenominacionais e de personalidades públicas apontaram para uma variedade de posições conservadoras que desqualificam a diversidade sexual. A Igreja Metodista do Brasil, por exemplo, declarou que é papel da igreja “contribuir para a reversão da tendência homossexual”. Acompanharam ela a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Convenção Batista Brasileira e Igrejas Pentecostais.

Ministérios interdenominacionais como o Grupo de Amigos, Grupo Êxodus Brasil e o Movimento pela Sexualidade Sadia que se auto intitulam como ministérios de ajuda para aconselhamento de pessoas que vivem “conflitos homossexuais”, além do Centro Apologético Cristão e o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, também aderiram a essa perspectiva. O tom dos discursos assinalava que a aprovação do projeto promoveria uma crescente aceitação da diversidade sexual, resultaria no “extermínio do heterossexual” e a “destruição da família brasileira”, além de conduzir a “atitudes heterofóbicas”, ao “crescimento da pedofilia no país” e a difusão da epidemia de HIV/Aids. Havia também um medo crescente de que a aprovação da lei pudesse impedir as atividades pastorais e de psicólogos de aconselhamento de gays e lésbicas que tivessem como finalidade converter, curar e regenerar.

Tratava-se de construir discursivamente a “ameaça homossexual”. Esse fenômeno não se inaugura apenas por causa da tramitação da PL anti-homofobia. Mas modula-se em intensidade através dos diversos momentos em que as sexualidades dissidentes ganham visibilidade pública. Como por ocasião da explosão da epidemia do HIV/Aids, por exemplo. Essa ameaça visa promover o terror social através de dois estigmas que se inter-relacionam e se retroalimentam

sobre essas sexualidades. A primeira mais ligada ao discurso médico e psiquiátrico e a segunda ao discurso religioso.

Trata-se para Natividade e Oliveira de uma espécie de sexologia religiosa que:

[...] demarcaria as práticas sexuais admitidas por Deus por meio da segmentação e da especificação de um domínio de práticas referidas como ‘anormais’, ‘anômala’, ‘pervertidas’, ‘mórbidas’, ‘obscenas’, portanto, ‘anti-bíblicas’ e ‘anti-naturais’. Não se trata meramente de postular o sexo penetrativo vaginal como única prática aceitável, mas de colocar em discurso uma pluralidade de ‘pecados’ que são, simultaneamente, distúrbios de sexualidade (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 108).

Um artigo exemplar sobre esse tema chamado “A Bíblia, o homossexualismo e outras eropatias” de Antônio Gilberto, fala especificamente sobre o que chama de eropatia homossexual<sup>5</sup>. Preocupado em estabelecer suas causas pensa que estão ligadas a fatores como a criação em “famílias disfuncionais” e a “influência de movimentos sociais”. A desconstrução dos padrões de gênero defendido pelas feministas teria atacado o “sexo natural” e favorecido o “aparecimento de práticas sodomitas”. Argumenta também que se a criança é criada por uma “mãe carrasca”, “desumana” e “tirana” e por um pai “omisso”, “indiferente” e “mole”, esta teria disposição a desenvolver uma “personalidade fraca” e “pusilânime” e passaria a “odiar mulheres”. Outro fator seria a “influência de Satanás” através da mídia e certos programas infantis que supostamente incentivaram uma sexualidade prematura.

Alguns discursos também constroem a figura do homossexual como propagadores da epidemia da AIDS. Uma reportagem do jornal *Mensageiro da Paz* afirmava que “quem pratica ato sexual diferente daquilo que Deus projetou sofre consequências graves”. Trata-se de marcar os homossexuais como vetores de doença e um perigo a ser corrigido ou eliminado. Este sujeito produzido

---

<sup>5</sup> A noção de “eropatia” do autor engloba o que ele chama de “transvios sexuais”. Distúrbios que ele categoriza em quatro categorias de “anomalias eróticas”: erofobias (aversões desenvolvidas na área afetivo-sexual), erofilias (paixões desenfreadas, crônicas), eromanias (distúrbios emocionais localizados na mente) e eroísmo (fenômenos ligados a adoção consciente de “comportamentos pervertidos”).

discursivamente representaria vários personagens “ele seria pedófilo, agressivo, amoral, descontrolado, sujo, contaminador/propagador de doenças, abusador sexual, possuído por demônios, personificação do mal, instrumento do Enganador” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 112).

Outras abordagens engendram discursos e formas de exclusão menos diretas, que aderem ao tom do acolhimento e do cuidado pastoral, mas ainda compreendendo o sujeito homossexual como um indivíduo a ser corrigido. O discurso da acolhida vem associado a ideia de que é possível eliminar a homossexualidade através do aconselhamento, do exorcismo, curas ou terapias. Trata-se de um fenômeno ligado a homofobia cordial (FERNANDES, 2008). Ou seja, a acolhida não trata de reconhecer e atribuir uma representação positiva da diferença, mas de pôr em ação dispositivos de normalização dos sujeitos dissidentes para a eliminação da diversidade.

Toda essa rede polimorfa de discursos é caracterizada por Natividade e Oliveira como estruturantes da homofobia religiosa. Sendo ela um conjunto heterogêneo de práticas e discursos de desqualificação e controle da diversidade sexual. Que extrai autoridade de princípios cosmológicos, sobrenaturais, argumentos teológicos e doutrinários e interpretações conservadoras da Bíblia.

É uma estratégia para garantir o status de normalidade da heterossexualidade. De forma que o sujeito heterossexual se pensa como única e legítima forma de exercício do desejo. Nesse esquema supõe-se uma continuidade e coerência natural entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a expressão ou efeito de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual de modo que a inteligibilidade do ser heterossexual só pode ser garantida pela exclusão de outros tipos de identidade. Segundo Butler: “do ponto de vista desse campo, certos tipos de ‘identidade de gênero’ parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformaram às normas da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2003, p. 39).

Essa rede de discursos e práticas atingem a subjetividade dos fiéis de forma que aqueles que possuem desejos eróticos não-heterossexuais e/ou performam papéis de gênero não-normativos só conseguem enxergar a si próprio como

desviantes e tem a sua trajetória marcada pela sujeição<sup>6</sup>. Sobre os impactos do poder religioso na subjetividade Natividade e Oliveira identificam que:

Grosso modo, é recorrente o relato de dilemas interiores relacionados à percepção de estar em pecado, de incorrer em um comportamento que suscita o ódio e ira divinos e a reprovação da sociedade e da família. (...) Medo, culpa, sentimentos de “vergonha” e temor de rejeição social são descritos na tensão entre vida religiosa e vivência da homossexualidade, assinalando a incorporação de ideias religiosas no discurso sobre si (NATIVIDADE; OLIVEIRA, p. 200).

Nas entrevistas feitas pelos autores foi identificado uma quantidade considerável de relatos envolvendo algum momento de intenção suicida por homossexuais e lésbicas que tiveram passagem por igrejas desse perfil. Evidenciando que o auto estranhamento e a percepção negativa de si provocado por esses discursos e práticas se traduz em graves tensões intrapsíquicas. Contribuindo assim para um cultivo precário do *Self* que passa a ser essencialmente marcado por sentimentos de medo e culpa. Esse dispositivo interdita a diversidade sexual de forma que a trajetória desses sujeitos é marcada pela vexação de si e pelo segredo. E caso o desejo ganhe alguma evidência pública, é atingido então pela sanção e pela normalização mais intensa.

### **“Ali onde há poder, há resistência”: o surgimento das Igrejas Inclusivas**

Traçado esse panorama geral sobre a forma hegemônica que o poder religioso cristão assume sobre a dissidência sexual e de gênero, é necessário considerar que “ali onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 1999). Essa figura da dominação que limita e interdita de forma unitária e universal a dissidência é insuficiente para compreender a real dinâmica na qual o poder está inserido. É importante analisar a dimensão da ação desses sujeitos. Pensando que a agência supõe um propósito não gerado pelo poder e que não deriva lógica ou

---

<sup>6</sup> Refiro-me a noção em Butler (2017) na qual a vexação do desejo é crucial para a sujeição. Segundo a autora, para persistir o sujeito deve tolher o próprio desejo e para que o desejo triunfe o sujeito deve ser ameaçado de dissolução. Nesse modelo de sujeição, o sujeito voltado contra si mesmo (seu desejo) é condição da sua própria existência.



historicamente dele. Mas pode operar numa relação de contingência e inversão em relação ao que a torna possível. Apesar de existir a exigência de reiteração do poder, ela própria é temporalizada não constituindo estruturas estáticas, mas contingentes, ativas e produtivas (BUTLER, 2017).

Não se trata de negar a dominação, mas de perceber que ela nunca se dá de maneira mecânica e total. Mas que, como elabora Foucault, é perpassada por inúmeras clivagens que às vezes podem suscitar grandes rupturas, mas que na maioria delas geram pontos menores, focos móveis de resistência que podem adquirir ou não maior densidade. Trata-se de uma arena em que através de lutas e afrontamentos incessantes transforma-se, reforça-se, inverte-se. É consciente desse modo complexo da operação do poder que podemos identificar o surgimento de igrejas inclusivas como um desses módulos de resistência que rompe pretensas unidades dentro da hegemonia do poder religioso cristão.

A revolta de *Stonewall* em 1969 foi um marco importantíssimo para a articulação de LGBT's na luta por reconhecimento positivo e direitos civis não só nos EUA, mas em todo o mundo. A rebelião deu início a um conjunto de organizações e contínuas mobilizações como a Parada do Orgulho LGBT, que colocaram na agenda global questões importantíssimas para gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais como: a questão dos direitos civis, a descriminalização e despatologização da homossexualidade e o enfrentamento a discriminação e a violência. É um contexto de profundas reivindicações de inclusão do grupo na vida pública, em contraste a uma realidade anterior de isolamento.

O poder religioso, particularmente os evangélicos, objeto deste trabalho, não saiu imune desse complexo de contestações, e surgirá paralelamente a essa movimentação a primeira comunidade cristã formada predominantemente por homossexuais. Ela foi fundada em Los Angeles em 1968 pelo pastor Troy Perry com o nome de *Metropolitan Community Churches* (MCC), a primeira denominação inclusiva dos Estados Unidos. Segundo dados de 2013 as MCC reúnem cerca de 43 mil membros em 222 congregações em 37 países, sendo que apenas 10% dos membros se declaram heterossexuais (Camargo, 2013). Na esteira das MCC um conjunto de novas denominações que se reivindicavam inclusivas foram surgindo

nos EUA, em 2011 contabilizavam-se um total de 6.826 comunidades com uma abordagem teológica inclusiva a LGBT's.

No Brasil começa-se a ter registros de igrejas desse tipo na década de 90, ensejadas por um contexto de profunda organização de LGBT's nas pautas por direitos civis, inclusão, reconhecimento positivo e combate a Aids. Natividade (2010) conta que o pastor Nehemias Marien da Igreja Presbiteriana de Copacabana em meados da década de 90 já defendia a avaliação positiva da homossexualidade e realizava todos os anos o Culto do Orgulho Gay próximo a data de comemoração da revolta de *Stonewall*. Seu discurso favorável a inclusão de homossexuais no culto atraiu diversas pessoas que chegaram a fundar na denominação o Grupo Convivência Cristã que servia como um espaço de troca de experiências entre homossexuais, ativistas e heterossexuais. Outros movimentos ainda na década de noventa como um debate sobre religião e preconceito promovido pelo Centro Acadêmico de Estudantes de História da USP articulou lideranças para a formação da primeira Comunidade Cristã Gay no país.

As tentativas de implantação da MCC no Brasil começaram entre 2002 e 2004 no Rio de Janeiro. Em 2010 a Igreja Metropolitana encontrava-se já em Fortaleza, Natal, Vitória, Belo Horizonte e São Paulo. Apesar de ser um movimento recente, já é possível identificar diversos grupos que se auto intitulam inclusivos no país. Além da Igreja Metropolitana, figuram nesse cenário também a Igreja Cristã Contemporânea, a Igreja Acalanta, Comunidade Cristã Nova Esperança, Igreja Cristã Evangelho Para Todos, Igreja Plenitude, Igreja Inclusiva Mergulho, Comunidade Cristã Abraça-me, Comunhão Cristã Plena Graça, Igreja Deus Vivo Inclusivo, Ministério Inclusivo Livres em Cristo, Terra da Adoração Church, Igreja Todos Iguais, Igreja Apostólica Acolhidos por Cristo, Igreja Inclusiva Resgatando Vidas, dentre outras.

O grande número de comunidades autônomas revela a própria dinâmica de constante segmentação dos evangélicos que é marcado fortemente por processos de rupturas e inovações seja por divergências doutrinárias ou conflitos internos. Contudo, apesar da diversidade de "placas", práticas, orientações doutrinárias, litúrgicas e eclesiásticas, as Igrejas Inclusivas sustentam em comum

uma avaliação positiva da diversidade sexual, sendo compreendida agora como parte do plano natural de Deus. Permitindo não só a participação de gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis nos cultos, mas sobretudo nos postos de liderança.

Natividade e Oliveira propõem uma distinção entre dois tipos ideais de orientação programática nas Igrejas Inclusivas. Considerados em nível analítico, mas que se dispersam em maior e menor grau nas experiências locais. Trata-se primeiramente de uma perspectiva mais ativista, ligada aos movimentos sociais e a luta por direitos, buscando reinterpretações bíblicas que incluam LGBT's. E outra estratégia mais ligada a uma ênfase na vida religiosa, em modelos de santidade, vida cristã e na batalha espiritual.

Na primeira tipificação figuraria com maior destaque a Igreja da Comunidade Metropolitana. Esta apresentaria maior conteúdo militante, centrando a sua atuação na desconstrução da homossexualidade como pecado, propondo uma releitura da Bíblia que positiva a diversidade, compreendendo-a agora como um dom divino. O pecado passaria a estar nas formas de exclusão, discriminação e preconceito como a homofobia. Essa noção influenciará o direcionamento público da igreja, que será marcado pela divulgação de informações relacionados ao tema da cidadania e dos direitos humanos e pela luta contra o preconceito. O verdadeiro cristão estaria engajado nas lutas por igualdade e direitos para LGBT's e outras minorias.

É possível verificar marcadamente essa postura acessando as páginas no *facebook* da ICM Brasil e suas filiais como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. A ICM Belo Horizonte, por exemplo, tem como foto de perfil a imagem da vereadora Marielle Franco, executada no Rio de Janeiro em março de 2018 durante a intervenção militar no estado, sobreposta com a mensagem "luto". A capa da página por sua vez contém uma parede com uma pichação que diz "Nós somos a revolução". No quadro de eventos encontra-se rodas de conversa, mesas redondas, cine-debates e celebrações como: "Celebração Ecumênica - Minha Identidade é uma Delícia", "Celebração Ecumênica - ICM Delas e Reforma da

Previdência”, “Mesa redonda: famílias, espiritualidade e direitos”, “ICM QUEER - Espiritualidade Subversiva”, dentre outros.

A página da ICM Rio em setembro de 2018, articulada com o momento eleitoral, convocava os fiéis para um ato intitulado “Cristãos LGBTs contra o fascismo” e compartilhava imagens com mensagens como: “Minha fé combina com feminismo”, “Minha fé combina com inclusão”, “Minha fé combina com justiça social” e “Minha fé combina com respeitar as diferenças”. Em tom um pouco mais moderado, com menos referências a bandeira LGBT, por exemplo, a ICM São Paulo mostrava em sua grade, eventos como: “Vigília pelas Vítimas da AIDS”, “Culto do Dia da Visibilidade TRANS” e “Culto alusivo ao Dia Nacional do Surdo”. Mostrando assim como militância e religião se misturam nessa estratégia.

O outro tipo identificado pelos autores relaciona-se menos com uma orientação do discurso voltada para os direitos e a cidadania LGBT e mais para uma ênfase na batalha espiritual e ao tema da vida religiosa, como a Igreja Cristã Contemporânea. Não quer dizer que não tratem sobre a exclusão de LGBT’s, mas que possuem maiores mediações com o campo do pentecostalismo brasileiro, centrados na emoção e na experiência. A ênfase está na cosmologia que compreende a existência do demônio, nos dons do Espírito e no poder de Deus para a libertação. O fiel estaria constantemente seduzido pelo pecado, mas disporia de instrumentos como o jejum, a oração e a intercessão para a libertação e a cura. Categorias como “vida na carne”, “vida no espírito”, “maldições”, “homem velho”, “renascimento”, “libertação” e “cura” são constantemente mobilizados nessa estratégia.

Uma pesquisa nas páginas no *facebook* da Igreja Cristã Contemporânea e suas filiais demonstra a reiteração desse discurso. Nas chamadas para os cultos podemos ver temas que se repetem na cosmologia pentecostal brasileira como: “3 quartas da prosperidade”, “7 quartas da unção”, “Domingo da construção”, “Noite do retorno”, “Culto da família”, “Noite da resposta”, “Domingo da porta sentimental”, dentre outros. Não há nenhuma referência a questão da cidadania LGBT e uma exposição bastante modesta de símbolos do movimento. O tema da homossexualidade entra em reflexões sobre a auto aceitação e na construção de

“relacionamentos saudáveis” como em vídeos de orientação do Pr. Marcos Gladstone. Essa é uma ênfase na cosmologia da batalha espiritual e nas definições de um modelo de homossexualidade santificada (NATIVIDADE, 2010). Há nele modelo uma defesa reiterada da dimensão da monogamia, em oposição a exercícios da sexualidade que seriam considerados promíscuos.

### **“Somos uma igreja como qualquer outra”: um relato etnográfico em uma Igreja Inclusiva**

Constituído esse panorama geral das Igrejas Inclusivas enquanto resistência ao poder religioso cristão tradicional, e das mediações que fazem com a tradição e com os movimentos pela cidadania LGBT, parto agora para o relato de uma inserção inicial no meu campo de pesquisa. O local definido foi a Igreja Cristã Contemporânea – Intenção Salvador. Trata-se de uma filial da ICC, com sede no Rio de Janeiro, e que pelo menos desde o início de 2017 tenta consolidar uma igreja na cidade. Nesse processo de intenção, realiza-se uma diversidade de cultos e reuniões em datas programadas (geralmente em um intervalo mensal) que acontecem atualmente em um espaço alugado no bairro de Brotas em Salvador.

O interesse de pesquisa nessa igreja tem a ver com compreender como se articulam duas dimensões aparentemente antagônicas: a vida religiosa cristã e a diversidade sexual. Essa inserção inicial tratou de observar o culto, os discursos das lideranças, a liturgia e o comportamento dos fiéis durante as celebrações. Nas observações foi possível perceber alguns elementos que apontam para como os atores fazem essa articulação. Os códigos morais de santidade se mostram como um aspecto importante desse processo, sobretudo no campo das relações sexuais e afetivas. Nos dois cultos, dicotomias como “vida na carne/vida no espírito”, “coisas do mundo/coisas do espírito”, “agir pela carne/agir pelo espírito” eram constantemente reiteradas nas mensagens e orações. Percebi então um forte apelo a moralização das relações como um elemento de legitimação da igreja inclusiva em relação às igrejas tradicionais.

Fiz a primeira visita em um culto dominical em dezembro de 2017, o endereço indicado apontava para um prédio comercial onde funciona um curso de língua estrangeira. Não havia nenhum movimento de pessoas na frente, identifiquei que era o local certo através de um pequeno banner na porta com a frase “Sorria! Jesus te aceita”. Me aproximando, fui muito bem recebido por um rapaz chamado Felipe com uma camisa que o indicava como do “Ministério de Recepção”. Ele me deu as boas-vindas e me informou o caminho para a sala onde aconteceria o culto. Entrando na sala, avistei algumas pessoas (de 15 a 20) sentadas em cadeiras enfileiradas de frente para uma mesa onde haviam elementos da Santa Ceia (o pão e o vinho), um projetor, uma caixa de som e uma outra mesa com equipamentos de áudio e um notebook. Uma organização comum em pequenas igrejas. Havia também uma outra mesa com alguns lanches, sucos e café ao lado que identifiquei ser para uma outra confraternização que aconteceria após o culto.

A recepção é marcada por abraços de boas vindas de diversos membros. Alguns tinham camisas com mensagens como “Sorria, Jesus te aceita” e “Jesus te ama sem preconceitos”. Dois deles eram especificamente separados para essa tarefa: Felipe e César. O último recolheu nosso telefone ao final do culto e manteve contato comigo durante o intervalo entre as visitas enviando por *whatsapp* mensagens religiosas e também me convidando para participar de outras atividades da igreja. Mesmo que eu tenha comunicado sobre a pesquisa, vi que havia um esforço para que fidelizasse as visitas.

Percebi também, pela forma com que sentavam juntos, que haviam alguns casais não-heterossexuais no lugar. Quatro ou cinco estavam bem próximos. Os momentos que antecediam o culto se assemelhavam muito a de uma igreja tradicional: pessoas que se cumprimentavam com “a paz do senhor”, casais conversando entre si e algumas pessoas que chegavam se ajoelhavam e faziam suas orações particulares. Destaco que não percebi nenhuma forma de contato mais próxima do que estou aqui supondo serem casais, para além das cadeiras mais aproximadas, não vi nenhum contato mais íntimo como mãos dadas, selinhos, ou coisas do tipo.

Nas duas visitas, o início do culto era dado por uma oração acompanhada de um fundo musical. No primeiro dia, a Pastora Lourdes convidou todos a se colocarem de pé e começar a orar pedindo que as preocupações externas fossem embora e que Deus visitasse aquele lugar e abençoasse o culto. Ao fim da oração pediu para que cada um abraçasse pelo menos três pessoas e dissesse palavras de boas-vindas. Iniciou-se então o momento de louvor com músicas tradicionais das igrejas evangélicas sendo executadas, de cantoras como Aline Barros, Ana Paula Valadão e outros. Foram cerca de cinco músicas, das mais agitadas para mais introspectivas que se intercalavam com falas da pastora convocando a adoração e reflexão.

Em um momento pediu para que as pessoas se afastassem uma das outras para que nada as distraísse. Durante essa parte mais reflexiva, onde era cantada a música “Abro mão” da banda Toque no Altar, a Pastora Lourdes passou o microfone para a Pastora Jéssica que iniciou uma oração bastante fervorosa sobre arrepender-se de pecados e de uma vida “no mundo”, a favor de entregar tudo a Deus. A música continha versos como “Abro mão dos meus sonhos / Abro mão dos meus planos / Abro mão da minha vida por Ti / Abro mão dos prazeres / E das minhas vontades / Abro mão das riquezas por Ti”.

Ainda na primeira visita, após a oração fomos convidados a sentar e a Pr<sup>a</sup>. Jéssica iniciou o momento da pregação. Começou de forma descontraída, dando boas-vindas a todos e falando da saudade que ela e sua esposa, a Pr<sup>a</sup>. Lourdes, sentiam de todos já que são do Rio de Janeiro e haviam visitado a igreja somente no mês anterior. Depois pediu que abrissemos a Bíblia em João 3, passagem que conta a história do encontro entre Jesus e Nicodemos. A pregação girava em torno da dicotomia entre “coisas do mundo” x “coisas espirituais” e exortava os fiéis para uma vida “fora da carne” e que os pensamentos e ações fossem dirigidas “pelo espírito”.

Dentre as formas de “agir pela carne” a pastora contava que a Igreja Cristã Contemporânea, por se tratar de uma comunidade de pessoas que foram muito oprimidas em suas casas e nas igrejas que já frequentaram, tendiam a serem insubmissas às autoridades eclesiásticas da igreja. Segundo ela, esse era um

comportamento que evidenciava o “agir pela carne” e um desafio para a igreja que ela ainda não havia identificado na intenção de Salvador, mas que vivenciava em outras filiais.

Várias vezes era enfatizado que a Igreja Cristã Contemporânea era uma igreja como outra qualquer. A submissão as autoridades da igreja, uma vida dedicada ao serviço eclesial e a consagração espiritual eram responsabilidade essencial dos fiéis assim como em qualquer outra denominação que já poderiam ter participado e que a aceitação a pessoas “homoafetivas” não significava uma vida de “libertinagem espiritual”. Nas palavras da pastora “as pessoas acham que porque é inclusiva dá para fazer o que quiser”. Citou exemplos de pessoas que visitavam a central no Rio de Janeiro para descobrir onde ficava o “quarto escuro da pegação” ou que iam para paquerar outros fiéis. Contou também sobre pastores de igrejas de denominações tradicionais que iam fazer visitas secretas para descobrir o que a igreja era, e que nas palavras dela “acabavam sem ter o que dizer pois percebiam ser uma igreja normal”.

Em outra visita, sem a presença da Pr<sup>a</sup>. Jéssica a pregação foi feita pela sua esposa Pr<sup>a</sup>. Lourdes. O sermão foi baseado no livro de Ester, capítulo 8, versículo 4 e 5 e falava sobre honra, orientado pelo tema anual da igreja intitulado “2018: ano da honra”. A mensagem falava sobre como Deus poderia honrar os planos de seus filhos se estes vivessem uma vida de fé constante e consagrada a Ele. A fé constante se relacionava com aqueles que não abandonavam a vida religiosa e mantinham-se de forma perene na rotina eclesial. A pastora reiterava que conflitos na igreja tanto na inclusiva, quanto em experiências que tiveram em igrejas tradicionais não poderiam motivar o abandono da fé.

A consagração tem a ver com a santificação de todas as dimensões da vida. Foi quando a mensagem começou a falar sobre relações afetivas. A Pr<sup>a</sup>. Lourdes incentivava os fiéis a consagrarem a Deus a sua vida sentimental, aguardando em oração constante o envio da “pessoa prometida”. Esta viria no momento e no lugar certo, e uma vida em festas e boates resultaria apenas em um “vazio existencial”. A pastora trazia a sua própria vida como exemplo, relatando que os lugares que frequentava e a ansiedade por ter uma companheira não lhe faziam bem. Exortou



também sobre o problema do “julgo desigual”, ou seja, o relacionamento com uma pessoa não-cristã. Também trazendo um exemplo pessoal, falou sobre os problemas que vivenciou em um relacionamento com uma não-cristã. Segundo ela, apenas quando esperou em Deus e consagrou a sua vida afetiva a Ele, encontrou a Pr<sup>a</sup>. Jéssica, com a qual é casada até hoje.

Já encerrando a pregação, a Pr<sup>a</sup>. Lourdes convidou os fiéis a realizarem um “ato profético”, ritual comum em igrejas pentecostais. Trata-se de fazer uma simbolização física de um propósito a ser alcançado. Os membros deveriam ir até a frente e a pastora “coroaria” cada um simbolizando a honra de seus planos. O momento foi seguido da realização da santa ceia, assim como no primeiro culto. Destaco que, diferente de outras denominações protestantes em que apenas membros batizados poderiam comungar da Santa Ceia, lá todos estavam convidados a participar. Nos dois dias a santa ceia era seguida do recolhimento de ofertas.

Um pequeno sermão sobre ofertas e dízimos era feito enquanto envelopes passavam de mão em mão. Havia também uma máquina de cartão de crédito e débito nas mãos dos auxiliares da igreja. No segundo dia o recolhimento de ofertas foi seguido pela consagração de um casamento. A pastora Lourdes falou sobre duas mulheres que tinham feito uma decisão importante na última semana e que queriam consagrar-se a Deus. As duas se dirigiram à frente da igreja e a pastora iniciou os votos tradicionais de casamento, cada uma respondeu “eu aceito” e logo após foi iniciada uma oração em que todos estavam de mãos estendidas para o casal, abençoando-as. As mulheres levaram um bolo para confraternização com toda a igreja.

### **Considerações finais**

Poucos acreditam ser possível uma conciliação entre o cristianismo e exercícios da sexualidade não-heteronormativos. O tom bélico que o campo hegemônico protestante se utiliza para enfrentar a organização LGBT, nos faz pensar que estamos diante de polos completamente opostos de uma disputa. Já

que as igrejas tem sido historicamente um dos principais vetores da circulação ideológica da “ameaça homossexual”. Construindo a figura do LGBT como abominável, doente, foco de DST’s e adepto de práticas sexuais ilegais que ameaçam a família e a sociedade.

Assim, acreditamos que a única forma de aceitação de LGBT’s nos cultos cristãos é na condição de pessoas que negam a sua sexualidade e se dispõem a processos de cura e readequação ao modelo heteronormativo. Contudo, um ambiente de profunda organização de LGBT’s provocou fissuras nessa hegemonia a partir da criação de igrejas inclusivas. Nelas, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis participam livremente dos cultos e são espaços de acolhimento onde podem novamente sentir a presença de Deus.

Nas primeiras visitas a Igreja Cristã Contemporânea – Intenção Salvador, alguns elementos ficaram bem marcantes. Primeiro é a quantidade de casais que frequentam a igreja. Isso parece indicar as formas como os fiéis articulam a sua sexualidade com as exigências heteronormativas da tradição cristã. É como se a relação monogâmica fosse um componente “santificador”. Também as pregações exortando a uma vida consagrada no espírito, “esperando em Deus” e afastando-se do “julgo desigual” revelam um apelo a adequação a um modelo de santidade nas relações afetivas. Parece ser um esforço para o afastamento do estigma de “promiscuidade” das relações não-heterossexuais, para enquadrá-las em um modelo em certo sentido tradicional.

Além do discurso das lideranças, um folheto distribuído aos visitantes revela isso de forma bem marcante. Em uma seção intitulada “Postura” encontra-se a mensagem:

Nosso compromisso é com a restauração e o progresso de cada pessoa em Jesus Cristo. Cuidado com os “olhares” e não faça do nosso Ministério “ponto de encontro” de paqueras. Você já deve estar cansado de ser usado emocionalmente como um ‘objeto descartável’. Participantes da Contemporânea devem evitar ter relacionamento que não o fraternal com os visitantes no seu primeiro mês de igreja, não descredibilize este ministério.

Esse esforço aparece não só na dimensão sexual ou afetiva, mas na própria concepção do que é a Igreja Cristã Contemporânea. A repetição da frase “somos

uma igreja como outra qualquer” durante as visitas mostram que há um forte interesse da própria denominação em afastar-se do estigma de “igreja gay”. Esse discurso remonta o que Natividade (2010) fala sobre a cisão da Igreja da Comunidade Metropolitana que deu origem a Igreja Cristã Contemporânea. Ele afirma que:

[...] a denominação pretendia seguir a linha de uma “igreja normal”, pregando “o que toda igreja prega”: o crescimento espiritual, a Palavra, o conhecimento de Deus e da Bíblia. Uma igreja tão normal que nem mesmo se ouviria pregações sobre homossexualidade nos cultos, contrastando com o estilo de pregação adotado na ICM (NATIVIDADE, 2010, p. 100).

Estes aspectos, contudo, não nos pode fazer afirmar que a Contemporânea se trata de uma igreja mais conservadora ou menos inclusiva. O elemento da posituação da diversidade sexual é presente nos dois modelos tipificados, mas se manifesta de modo polimorfo. Seja a Igreja da Comunidade Metropolitana ou a Igreja Cristã Contemporânea, ambas fazem mediações com o poder religioso mais geral, diferenciando-se nas formas e nos graus. Cabe então investigação mais específica sobre esse campo das mediações e a construção dos modelos de santidade que se elaboram nesses contextos, e que tipo de agência engendram.

O central é que a Igreja Cristã Contemporânea e as igrejas inclusivas em geral são possibilidades importantes dentro do campo religioso protestante para a disputa do reconhecimento positivo de identidades LGBT's. Pessoas que passaram pela experiência da rejeição em igrejas tradicionais e cultivaram uma imagem negativa de si baseada no medo, na vergonha e no auto ódio, encontram nelas um espaço de acolhimento onde podem vivenciar novamente uma ligação com o sagrado.

## Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências.** Aparecida: Santuário, 2000.

CÉSAR, Marília de Camargo. **Entre a cruz e o arco-íris: a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade.** Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2013.

FERNANDES, Luis Osvaldo Ribas Lobos. **Homofobia Cordial** (palestra). Salvador, UNEB/ DIADORIM, 2008. [mimeo]

FERNANDES, Rubem César; et al. **Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política.** Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1997.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. **As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidade LGBT no Brasil.** Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Uma homossexualidade santificada: etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.30, n. 2, 2010.

SEGURA GRAIÑO, C, **El pecado y los pecados de las mujeres.** In: CARRASCO MANCHADO, A.I.; RÁBADE OBRADÓ, M. P. (Coords). Pecar en la Edad Media. Madrid; Sílex, 2008.